



Reforma Agrária, Mulheres e Agroecologia: construindo o consumo consciente em Três Lagoas-MS.

Agrarian Reform, Women and Agroecology: building conscious consumption in Três Lagoas-MS.

ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de¹

¹ UFMS, raaalm@gmail.com

Eixo temático: Economia dos Sistemas Agroalimentares de Base Agroecológica

Resumo: Trata-se da experiência de vida e trabalho de mulheres e homens que têm mudado a realidade em que vivem no assentamento de Reforma Agrária “20 de Março”, localizado no município de Três Lagoas, Mato Grosso do Sul - considerado o *lócus* mundial da celulose em função dos vastos monocultivos de eucalipto e fábricas de celulose. É justamente o cerco do eucalipto às terras camponesas, aliado à crise das políticas públicas de apoio à Reforma Agrária, que estimulou o protagonismo das mulheres ao assumirem processos de produção voltados à transição agroecológica, a exemplo da horticultura. Posteriormente, o assentamento contou com a participação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) na busca de alternativas de comercialização favorável via estímulo do consumo consciente com a organização de Grupos de Consumo e Feira no espaço universitário de Três Lagoas.

Palavras-chave: assentamento; feminismos; grupos de consumo; feiras; sustentabilidade.

Keywords: settlement; feminisms; consumption groups; fairs; sustainability.

Abstract: This work is about the life and work experience of women and men who have been changing the reality in which they live in the "20 de Março" Agrarian Reform settlement, located in the municipality of Três Lagoas, Mato Grosso do Sul - considered the global locus of cellulose due to the vast monoculture of eucalyptus and pulp mills. It is precisely the siege of eucalyptus to peasant lands, coupled with the crisis of public policies in support of Agrarian Reform, that stimulated the protagonism of women in assuming production processes geared to the agroecological transition, such as horticulture. Posteriorly, the settlement counted on the participation of the Federal University of Mato Grosso do Sul (UFMS) in the search for favorable commercialization alternatives through the stimulation of conscious consumption with the organization of Consumer Groups and Fair at the University.

Introdução

Este texto propõe reflexão envolvendo Reforma Agrária, Mulheres, Agroecologia no processo de luta contra a exclusão econômica e social na região leste de Mato Grosso do Sul - território dominado pela monocultura do eucalipto. A pesquisa é parte de um projeto mais amplo, intitulado: Implantação de Núcleo de Estudo em Agroecologia e Produção Orgânica: dinamização da agricultura familiar no Território Rural do Bolsão-MS.



O objetivo desse artigo é destacar o protagonismo das mulheres camponesas que vivem e trabalham no assentamento de reforma agrária “20 de Março”, em Três Lagoas/MS. Compreendendo esse protagonismo na perspectiva da luta para permanecer na terra, expressa no desenvolvimento de estratégias produtivas e de comercialização na direção agroecológica.

A transição agroecológica relacionada à horticultura no assentamento “20 de Março” teve início quando um grupo de 35 famílias aceitou integrar, em 2013, o projeto da ex-Fibria (atual Suzano) de desenvolvimento territorial que previa a doação de sementes, insumos, tela, madeira e irrigação básica. O projeto era voltado a implantação do manejo sem uso de agrotóxicos e adubos químicos, e teve grande adesão das mulheres do assentamento. Todavia, na prática começaram a surgir dificuldades que extrapolavam o projeto intervencionista da citada empresa, em especial voltadas à assistência técnica e escoamento da produção. Neste quadro de crise, muitas famílias abandonaram o referido projeto. Cientes dessa problemática, em 2014, o grupo de pesquisa “Estudos Agrários”, vinculado ao Laboratório de Estudos Territoriais-UFMS-Campus de Três Lagoas, organizou um evento, intitulado: “I Seminário sobre Transição Agroecológica: limites e possibilidades”. Neste evento, por meio de mesa de debates emergiram as potencialidades produtivas dos agricultores da região do Bolsão-MS, bem como os bloqueios e as possibilidades de superação para além dos mercados institucionais (PAA, PNAE). Dentre os encaminhamentos, a formação de grupos de consumo sustentáveis e feiras agroecológicas no espaço universitário objetivando fomentar a horizontalidade na relação agricultores-consumidores. No período de 2015 a 2016 foram elaborados projetos de extensão universitária dando suporte a formação de grupos de consumos, conhecidos por “grupo das sacolas agroecológicas”. A partir de 2017, teve início a Feira Agroecológica semanal na UFMS/Campus de Três Lagoas.

Com a articulação produção-consumo, a transição agroecológica avançou abrindo possibilidade para aprofundamento da autonomia e sustentabilidade. Neste sentido, projetos de resgate de sementes crioulas, automação para produção de mudas, caldas defensivas e biofertilizantes têm sido implantados, especialmente no assentamento 20 de Março - espaço de atuação do Núcleo de Estudos Agroecológicos (NEA-Bolsão). Essas práticas sustentáveis tem lugar de destaque no principal evento camponês da região do Bolsão-MS, o Encontro das Mulheres Camponesas que, em outubro de 2019, completará sua oitava edição com o tema “sementes crioulas”.

Metodologia

Para entendermos o contexto destas experiências de mulheres camponesas em transição agroecológica é preciso considerar os estudos sobre a territorialização do monopólio do setor de celulose e papel na microrregião de Três Lagoas, em Mato Grosso do Sul. Ou seja, as relações capitalistas que controlam o território impondo (re)concentração fundiária e impactos socioambientais, consequência do modelo



químico de manejo dos eucaliptais. É, pois, neste contexto de “deserto verde” que homens e mulheres lutam contra a exclusão social e econômica para manter suas famílias na terra.

Para tanto, a imersão na comunidade estudada e o trabalho com fontes orais foi de fundamental importância para permitir que os sujeitos tecam as percepções acerca de suas lutas e conquistas organizando suas histórias e, por vezes, assumindo-se como protagonistas. Isso porque uma das premissas importantes no trabalho com fontes orais é a de que estas têm se constituído no caminho por excelência da história dos grupos oprimidos, dentre eles as mulheres, logo que as entrevistas permitem às “pessoas comuns” contarem sobre fatos que, na maioria das vezes, são inéditos no tocante à história destes grupos. Entendemos ainda que, embora o trabalho com fontes orais não seja para nós um instrumento de “conscientização política”, ele permite a superação da pretensão prática da neutralidade em prol das escolhas de pesquisa (ALMEIDA, 2006). No caso, o protagonismo das mulheres assentadas da reforma agrária.

Resultados e Discussão

Importante salientar que o assentamento “20 de Março” possui algumas especificidades no tocante a participação das mulheres, quais sejam: na composição das três gestões da Associação, que existe há sete anos, nota-se uma grande predominância das mulheres, principalmente nos cargos de maior responsabilidade; em relação à posse da terra, 82% dos títulos possuem o nome da mulher como principal. (BORZONE, 2017).

A construção do espaço de comercialização na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas, do grupo das hortas agroecológicas do assentamento “20 de Março”, composto por 21 famílias, teve início com o projeto denominado “Grupo de Sacolas Agroecológicas”, em 2015. O grupo era constituído por consumidores que faziam parte da comunidade universitária (discentes, técnicos e professores), que compravam semanalmente, do grupo das hortas, sacolas montadas para atender uma família de quatro pessoas, composta por sete produtos: geralmente, quatro hortaliças e três legumes. O grupo iniciou-se com 19 consumidores, o valor semanal das sacolas era de R\$ 15,00 - com pagamento mensal antecipado. Em menos de um ano de funcionamento, houve expansão para sessenta consumidores.

Como desdobramento do grupo das sacolas, surge a ação da Feira para dar vazão à crescente produção dos assentados, situação que permitiria também o contato direto entre agricultores/as e consumidores sem intermediários no processo.

A Feira livre dentro do Campus de Três Lagoas de produtos em transição agroecológica teve início em 2016 – atualmente, acontece semanalmente às terças-feiras no horário das 10h às 17h. Diferente das Sacolas, a Feira foi assumida pelas



mulheres que saíram de seus lotes e adentraram o espaço da universidade na luta pela terra de trabalho – como é possível apreender no relato que segue:

“Eu fazia várias feiras antes dessa feirinha dentro da faculdade, mas não dava muita renda, mas ajudava bastante na melhoria da renda do marido. No começo dessa feirinha dentro da faculdade, eu não vendia muito, não, mas tinha esperança de melhorar. Depois o projeto foi crescendo, as pessoas conhecendo nosso produto e eu fui vendo que eu poderia ganhar muito mais se eu melhorasse minha produção. Hoje, eu consigo produzir o meu e ajudar mais algumas pessoas comprando pra levar pra feira. Como eu disse, como assentada-feirante minha renda era muito pouco. A partir dessa feirinha da faculdade a minha família teve uma mudança muito boa, a gente conseguiu comprar um carro pra fazer a feira. E também eu consegui fazer uma coisa que eu esperava muito, que era fazer com que meus filhos participassem da minha atividade, se interessassem pelo sítio. Eu costumo falar que o que a gente adquire em dinheiro, em bens materiais, nem é tanto assim, mas o que eu consegui que ao menos um deles se interessasse pela terra me gratifica muito. Hoje eu me sinto tão feliz...Ele até ajuda na produção, faz queijo, faz bolo pra mim, já faz a feira também, né. O meu mais novo ainda trabalha, mas é lá mesmo, dentro da comunidade, mas já é uma grande vitória ter os dois ao meu lado. Voltando ao assunto do veículo, eu pago a mensalidade desse veículo com o que eu adquiero da feira e outras coisas também que a gente consegue tirar com esse valor que a gente arrecada na feirinha”. (Entrevista concedida à autora pela assentada-feirante L. [Abril, 2018] Três Lagoas).

Diversidade e qualidade da produção aliados a relação direta com quem produz, são os aspectos mais apreciados pelos consumidores. Na Feira há grande variedade tanto da horticultura como da indústria doméstica, produtos estes cultivados e produzidos pelos moradores do assentamento “20 de março”. Vejamos amostra dessa diversidade: alface americana, alface crespa, alface roxa, almeirão, couve, cebolinha, salsinha, rúcula, espinafre, repolho, couve-flor, escarola, batata doce, abóbora, quiabo, mandioca, brócolis, rabanete, beterraba, mamão, maracujá, limão, tomate, banana, hortelã, cenoura, cebola, berinjela, jiló, chuchu, melancia, carambola, laranja, acerola, pimentas, ovo caipira, mel, doces, pães, roscas, queijos, bolos, manteiga, iogurtes, geleias e biscoitos caseiros.

O êxito das sacolas e da Feira na UFMS ganhou repercussão nas redes sociais e na imprensa local, abriu-se novos espaços a exemplo do Condomínio Residencial Don El Chall e da Feira Municipal da Agricultura Familiar.

Embora a Feira seja um marco no sentido financeiro como possibilidade de conquista das condições de reprodução do grupo familiar, há também sentido de formação como espaço do encontro, da solidariedade - para trazer produtos de quem não pode estar na feira - e reconhecimento social da condição delas de trabalhadoras e assentadas, por parte dos consumidores.



“As Feiras vêm contribuindo muito pra nós do assentamento, não só de forma financeira, tem a troca de experiência e crescimento pessoal também, ganhamos muitos amigos. No começo, quando iniciou as feiras, eu ficava receosa de falar que vinha do assentamento, das pessoas acharem que éramos baderneiros porque muito a gente já ouviu falar, né. Mas, sempre falamos de onde nós éramos. Mas graças a Deus, isso hoje não é problema. As pessoas que frequentam as feiras não tem nenhum preconceito quanto a isso, muito pelo contrário, apoiam a gente bastante”. (Entrevista concedida à autora pela assentada-feirante R. [Abril, 2018] Três Lagoas).

Conclusões

O grupo de mulheres camponesas do assentamento “20 de março”, a partir de suas práticas cotidianas de vida e trabalho, desenvolveram estratégias de luta na terra contra os mecanismos de exploração/exclusão econômica e social impostos pelo modelo hegemônico da monocultura do eucalipto na microrregião de Três Lagoas-MS. Essas estratégias se materializam na decisão de assumir politicamente os caminhos produtivos no assentamento via cultivos agroecológicos, investir nos mercados institucionais (PAA, PNAE) e na organização do consumo consciente por meio dos canais curtos de comercialização, a exemplo das Feiras. Estes caminhos de emancipação permitiram melhoria de renda dos assentados e acesso, por parte dos consumidores urbanos, aos alimentos de qualidade. Situações que conjugadas deram visibilidade ao protagonismo feminino no processo de recriação camponesa num ambiente agrário em que a participação feminina nas decisões políticas ainda é um processo em construção. Portanto, essa luta agroecofeminista embora tecida na escala do lugar, é também marco de esperança na escala global pelos desafios que enfrenta, pois garantir a reprodução social da agricultura camponesa agroecológica em meio à hegemonia do monocultivo de eucalipto é um contraponto essencial a anunciar pela prática social, outro caminho/mundo possível.

Agradecimentos

Esta pesquisa está inserida no projeto, intitulado: Implantação de Núcleo de Estudo em Agroecologia e Produção Orgânica: dinamização da agricultura familiar no Território Rural do Bolsão-MS, chamada MCTIC/MAPA/MEC/SEAD – CASA CIVIL/CNPq N° 21/2016.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Rosemeire A. de. Contradições da Reforma Agrária no Bolsão/MS em Tempos de Impérios de Papel. In: COELHO, Fabiano; CAMACHO, Rodrigo S. (Orgs.). **O campo no Brasil contemporâneo: do governo FHC aos governos petistas**. Curitiba: Editora CRV, 2017. p. 273-296.

XI CBA
Congresso
Brasileiro de
Agroecologia
Ecologia de Saberes:
Ciência, Cultura e Arte na
Democratização dos
Sistemas Agroalimentares



ALMEIDA, Rosemeire A. de. **(Re)Criação do Campesinato, Identidade e Distinção**. São Paulo: Editora da Unesp, 2006.

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia**: bases científicas para uma agricultura sustentável. São Paulo: Expressão Popular/AS-PTA, 2012.

BORZONE, Clariana V. **Mulheres Camponesas no Território Rural do Bolsão/MS**: Resistências e Contradições. 2017. 85p. Relatório de Qualificação (Pós-Graduação em Geografia) – UFMS, Três Lagoas/MS.

MENEGAT, Alzira Salete. Mulheres assentadas abrem novas portas. Quais as portas? In: MENEGAT, Alzira S.; TEDESCHI, Losandro A.; FARIAS, Marisa de Fátima L. (Orgs.) **Educação, relações de gênero e movimentos sociais**: um diálogo necessário. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2009.